

Editorial

Sobre diferentes territórios cosmológicos, políticos e vivenciais

**Eliana Santos Junqueira Creado (UFES)
Paulo Magalhães Araújo (UFES)**

Temos a satisfação de divulgar a publicação do volume 06, número 02, do Caderno Eletrônico de Ciências Sociais. O Cadecs é um dos periódicos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, que envolve tanto docentes quanto discentes do próprio programa em sua produção, e que objetiva também divulgar os trabalhos de pesquisadores, docentes e alunos, vinculados também a outros programas e instituições.

No presente número, o Cadecs expressa essa proposta, ao reunir artigos com temáticas variadas, de autoria de pesquisadores de diversas instituições e regiões brasileiras. Os trabalhos aqui publicados expressam, então, um pouco da pluralidade teórico-metodológica própria das Ciências Sociais, bem como sua diversidade em termos dos vínculos de suas autoras e seus autores.

São contribuições de teores e estilos variados, com artigos que vão desde aqueles mais alinhados com a produção etnográfica e antropológica mais clássica - como o excelente artigo que abre este número -, passando por textos com outras abordagens de pesquisa, como entrevistas com grupos focais - utilizadas no segundo artigo trazido - e ensaios teóricos - como o que fecha o número.

Destaca-se também que o presente número traz três textos, com abordagens e formas de escrita heterogêneas, que abordam objetos ou temas candentes para se tentar compreender o crítico momento atual da política brasileira, em que defensores de posições mais retrógradas do espectro político-institucional assumiram a liderança da política representativa, no pleito nacional de 2018, e que fazem apologia à militarização do Estado e das relações sociais.

A leitura em conjunto desses três textos, dois artigos e um ensaio, permite-nos entender essa guinada à direita, não como um evento isolado, mas como o dramático (e triste) desdobramento de eventos e manifestações que já apontavam descrença com a forma usual e tradicional de se fazer (e se entender?) a política, já desde, pelo menos, o ano de 2013. Eventos e manifestações que, apesar do alto poder de questionamento e potência criativa em algumas de suas formas de agência e performance – como os questionamentos à Copa do Mundo em 2014 e as ocupações das escolas secundaristas em 2016 –, não evitaram o desfecho político de 2018. Esses textos nos lembram ainda que esse clima de instabilidade ocorreu também, paralelamente, associado a eventos e manifestações que o precederam, e que assumiram um cunho mais conservador, como nos lembram o terceiro e o quarto artigos do número.

Com uma análise processual, podemos, então, pensar se isso se deve ao esgotamento de canais convencionais de participação política. Ou se vivenciamos, também, mas não exclusivamente, por conta das novas tecnologias de comunicação, e sua difusão, a coexistência entre diferentes formas de se fazer política, que não se esgotam na via institucional-representativa, mas que não são capturáveis (ou não se querem capturar?) por esses canais, nos moldes de um tensionamento entre estrutura e anti-estrutura. Uma forma de análise que, felizmente, possibilita vislumbrar que esse é um jogo de forças ainda em aberto, e que o atual desfecho pode ser apenas um momento de contenção de posições (ou forças) previamente existentes, mas que, como antes, ainda convivem com outras posições (ou forças), que não deixaram de existir, e que podem, quiçá, ressurgir com o tempo.

Por fim, encerrando o número, contamos com uma resenha, sobre um livro que explora a socialidade da praia, território que ainda não recebe atenção em grau equivalente, dentro das Ciências Sociais, à sua importância na vida de milhares de pessoas que habitam a costa, ou mesmo à sua importância socioambiental e geopolítica.

A seguir discriminamos com maior detalhe os textos desta edição, suas autoras e autores.

*

No primeiro artigo, "*Crianças do Astral*": a infância no Centro Ayahuasqueiro Flor de Jasmim, Wagner Lins Lira e Hugo Monteiro Ferreira voltam-se à escrita etnográfica e ao entendimento dos fenômenos cotidianos e místicos experienciados por "crianças ayahuasqueiras" no "Centro Ayahuasqueiro Flor de Jasmim" (CAFJ), valorizando as mesmas enquanto produtoras de "culturas". O CAFJ é uma irmandade religiosa norteadas pelos

princípios simbólicos e ritualísticos da Umbandaime, que se localiza em município do estado do Alagoas. O trabalho evidencia o protagonismo das crianças no Terreiro e suas relações com os adultos e os planos místicos acessados pela ingestão da ayahuasca. Ingestão possibilitada por se dar de modo diferenciado da ingestão feita pelos adultos. Para além da observação direta, o autor trouxe também para o artigo as ilustrações e as falas das crianças sobre suas experiências com o divino e os territórios vivenciados no CAFJ, bem como fotografias ligadas a esse mundo infantil e seus agenciamentos.

No artigo *Gênero e geração: os significados atribuídos à velhice e o que torna possível a distinção entre os sujeitos definidos como idosos*, as autoras Thayza Vanessa Silva Souza Felipe e Sandra Maria Nascimento Sousa buscam identificar os variados significados da velhice, acessados através de entrevistas com mulheres idosas, participantes do Trabalho Social com Idosos (TSI), de uma unidade do SESC, situada em São Luís, no Maranhão. A intenção das autoras é compreender as experiências vinculadas a marcadores sociais que tornam possível a distinção na maneira como as mulheres vivem essa fase da vida. O trabalho de pesquisa deu-se através da observação, da realização de entrevistas, semiestruturadas, individuais e em grupo. Visou também o estudo da memória e a compreensão dos processos de formação de diferentes sujeitos, indicando a complexidade do envelhecimento. A velhice é entendida pelas autoras como fenômeno interseccional, em que condições sociais, de gênero e raça, dentre outras, são importantes. Portanto, ela não seria algo simplesmente natural ou homogêneo.

Esses dois primeiros textos, se lidos em conjunto, permitem-nos pensar nos dois polos de ciclos de vida humana (e não- apenas): 1) a infância, ou melhor, uma infância específica que se dá dentro do circuito ayahuasqueiro, através de uma socialidade construída a partir do consumo (e vivências) desse meio, em que o sagrado e seus entes são compartilhados entre adultos e crianças, de modos particulares; e 2) a velhice, socialidade aqui apresentada a partir das narrativas de diferentes ontologias femininas, unidas pela prática de atividades físicas, lúdicas e de formação, especialmente destinadas àqueles que são, hoje em dia, categorizados como idosos.

O terceiro artigo, *Expressões e formas de resistência juvenil diante do avanço do conservadorismo*, é de autoria de Valdeci Reis, Fernanda Silva Lino e Ademilde Silveira Sartori. Os autores, com estudos na área da Educação, discutem o movimento de ocupações de escolas e universidades protagonizado por jovens no segundo semestre de 2016, no município de Florianópolis-SC. Ao mesmo tempo, tecem um panorama menos localizado do movimento, a partir de levantamento bibliográfico e contextualização regional e nacional do mesmo.

O foco em Florianópolis-SC deu-se, principalmente, a partir de experiências de imersão etnográfica. E, através da apresentação descritiva das mesmas, os autores analisam, de modo engajado e envolvente, as variadas estratégias de resistência postas em prática por secundaristas e universitários contra a reforma do Ensino Médio, o congelamento dos gastos públicos em educação, saúde e assistência social e o projeto de lei 'Escola sem Partido'. O trabalho constata que os estudantes construíram redes de comunicação independentes para alertar a sociedade sobre os retrocessos em curso no parlamento, desde então, bem como promoveram variadas e criativas formas de ação, que foram muito além das ações políticas comumente associadas com a política mais institucionalizada e ou representativa. Para os autores, as ocupações deixaram importante legado de atuação política, que podem ser importantes para o momento político atual, por sua abordagem mais gramsciana, pelo protagonismo dos jovens e por se darem nesses importantes aparelhos hegemônicos de Estado, as escolas.

No quarto artigo, *Redes sociais e participação política: comportamentos e percepções de universitários capixabas sobre o uso do Facebook*, Vanderlea Aragão e Riberti Felisbino analisam a percepção de usuários universitários, de uma instituição alocada no município de Guarapari, Espírito Santo, sobre a contribuição desta rede social para obtenção de informação e promoção da participação política. Os autores realizaram um *survey*, em que questionários foram aplicados junto a 390 alunos, em um universo de 3.673 alunos, de diferentes cursos, ligados às Humanidades, Exatas e Ciências da Saúde. Os dados colhidos e trabalhados permitiram aos autores afirmar que os usuários, em sua maioria, consideram que o *Facebook* proporciona sim um aumento das discussões sobre política e acreditam que as mensagens difundidas na rede são capazes de mudar opiniões acerca de temas sociopolíticos. Interessante notar que essa opinião sobre o *Facebook* não necessariamente resulta na atuação política intensiva desses mesmos usuários na plataforma, nem mesmo que essa atuação política se reverta em filiação partidária. De qualquer forma, essa opinião sobre o *Facebook* ressalta a importância que os usuários dão à atuação de usuários categorizados como profissionais, que são aqueles que divulgam mais notícias políticas e que expressam mais abertamente suas opiniões. O artigo apresenta especificidades dos usuários universitários no que diz respeito ao uso da plataforma, em comparação com outros usuários, e ainda tece análises pensando também em variáveis como gênero e faixas etárias.

Política, futebol e sociedade é o título do ensaio de autoria de Alysson Hubner. O autor faz uma breve, mas instigante, revisão bibliográfica, onde analisa a relação entre política, futebol e sociedade, a partir do conceito de alienação em Marx e do conceito de agência em Giddens. O autor faz um contraponto entre a política de "pão e circo" efetuada pelo antigo Império

Romano, e que, de certa forma, é retomada no conceito de alienação, com as manifestações críticas ocorridas no Brasil, em 2013, quando dos preparativos para a realização da Copa do Mundo de 2014. Nesse segundo caso, o futebol, enquanto esporte e entretenimento, na verdade, favoreceu a politização, e, para pensar isso, o autor pondera o conceito de alienação com o de agência em Giddens - segundo o qual os sujeitos são capazes, apesar do papel crucial das estruturas políticas e sociais na definição de suas percepções e comportamentos. Para Hubner, as manifestações de 2013 apresentavam demandas segundo o modelo de Estado de Bem Estar Social.

A visão do autor é otimista: "existem possibilidades extremamente diversas na utilização do futebol, como meio que, quando utilizado conjuntamente com outros fatores, pode promover o estabelecimento de uma cidadania mais ativa, saindo da esfera formal para ser aplicada efetivamente na prática do que podemos denominar de cidadania substantiva." (p. 101)

A leitura em conjunto dos artigos terceiro, quarto e do ensaio põe em relevo, por outro lado, outro ciclo de vida, o da juventude, que, também como a infância, tratada no primeiro artigo, e a velhice, tratada no segundo artigo, deve ser entendida de modo plural, inclusive no que diz respeito a suas vivências, atuações, e, dentre as últimas, seus posicionamentos políticos.

O volume se encerra com a resenha feita por Marcos Rodrigues, do livro *A praia: espaço de socialidade* de Thales de Azevedo. A obra trata da praia como espaço de socialização e analisa as mudanças de hábitos à beira mar que, ao longo de décadas até a atualidade, marcaram e marcam a vida social nesse espaço de interação. Para além de permitir captar também mudanças relativas ao uso e à ocupação da costa, o livro, segundo seu resenhista, retrata também as "mudanças na relação do corpo com o lugar resultou na quebra de rotinas e a subversão de valores". O autor do livro teria ainda um "perfil multidisciplinar", e o resenhista tece elogios à sua escrita.

*

As considerações sobre os textos acima apresentados, e que escapam da mera descrição dos mesmos, conformam apenas uma dentre outras leituras possíveis a serem construídas a partir deles, e foram influenciadas pela releitura feita para a edição desta apresentação, que seguiu a disposição final proposta para os textos. Outras sínteses, outras leituras são possíveis. E esperamos que também outros mundos, e outras formas de se fazer (e entender) política, também sejam.

Os editores agradecem a todos aqueles e a todas aquelas que colaboraram para este número, sobretudo autores e autoras e pareceristas. Desejam ainda a todos uma boa leitura!

Vitória, 18 de fevereiro de 2019